

# VIVÊNCIA DA RECONSTRUÇÃO MAMÁRIA EM MULHERES MASTECTOMIZADAS: UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO

*Rosana Freitas Azevedo, Regina Lúcia Mendonça Lopes*

*Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Universidade Federal da Bahia (UFBA)  
rosanafazevedo@hotmail.com; rlopes@ufba.br*

## Resumo

Estudo qualitativo de abordagem fenomenológica tem como objeto os modos de ser da mulher mastectomizada com reconstrução mamária, objetivando desvelar o sentido que funda o comportamento do ser mulher mastectomizada com reconstrução mamária. A análise interpretativa foi pautada nos pressupostos teóricos de Martin Heidegger. A entrevista fenomenológica, aplicada a mulheres mastectomizadas com reconstrução mamária, em uma instituição de referência para o tratamento do câncer. A entrevista foi conduzida pelas seguintes questões norteadoras: *Como tem sido o seu dia-a-dia após a retirada da mama? Como foi para a senhora ter a mama reconstruída? O que veio a ser o seu cotidiano após a reconstrução mamária?* Pela interpretação compreensiva heideggeriana, foram construídas três seguintes unidades de significação. Destaco esta possibilidade da presença, no momento de assistir o sujeito do cuidado, que nas práticas de saúde atuais vêm sendo fragmentado em decorrência do modelo biomédico. Após a reconstrução mamária, as mulheres foram conduzidas a uma nova situação existencial, se redescobrimo como seres de possibilidades, lançadas em um mundo numa experiência complexa de ex-sistir-com-câncer-de-mama.  
Palavras-chaves: Mastectomia. Reconstrução Mamária. Fenomenologia.

## Abstract

Qualitative study of phenomenological approach aims to point out the behavior of the mastectomized women with breast reconstruction in order to reveal deeply their behavior. The interpretative analysis was based on theoretical assumptions of the philosopher, Martin Heidegger. Mastectomized women with breast reconstruction were interviewed in a philanthropic institution for cancer treatment. The interview was conducted by the following guiding questions: *How is your daily routine after the breast removal? How do you feel with the breast reconstruction? What did your every day life turn out to be after breast reconstruction?* After acquiring some knowledge to understand Heideggerian's interpretation, three units of meaning were built. It is considerate to highlight the possibility of presence in time to observe the care taken that the current health care practices have been fragmented due to the biomedical model. After breast reconstruction, women were led to a new living situation, finding themselves as beings of possibilities, being kept in a world of wide experiences of the ones who had-breast-cancer.

Keywords: Mastectomy. Breast reconstruction. Phenomenology.

## INTRODUÇÃO

Atualmente, em razão da sua elevada incidência, o câncer de mama torna-se uma das grandes preocupações, principalmente pelo impacto psicológico e social que acarreta para a saúde da mulher. Viver com uma doença ligada a estigmas; sofrer os preconceitos que, muitas vezes, surgem dos familiares mais próximos ou do próprio companheiro; conviver constantemente com incertezas e a possibilidade de recorrência do câncer de mama constituem-se em algumas das dificuldades por elas enfrentadas no cotidiano (AZEVEDO; LOPES, 2010).

A opção pela reconstrução mamária tem mostrado uma melhoria na adaptação à imagem corporal, bem como tem contribuído para restabelecer o equilíbrio psicológico que está fragilizado no momento do diagnóstico e da perda da mama. A reconstrução mamária se constitui em um procedimento cirúrgico efetivo pela diversidade de técnicas cirúrgicas que permitem ao cirurgião plástico criar uma mama similar em forma, textura e característica da mama que foi retirada, procedimento que pode ser realizado no mesmo ato cirúrgico da mastectomia ou mais tardiamente (GIL, 2005).

Azevedo (2004) em um estudo realizado com mulheres mastectomizadas em uso de prótese após reconstrução mamária, concluiu que, com a mastectomia surgem apreensões relacionadas ao corpo, na medida em que esta desconstrói a imagem corporal. Neste contexto, surge a possibilidade da reconstrução mamária com o uso de prótese na tentativa de resgatar a feminilidade perdida como relataram as depoentes. Neste sentido, a técnica da reconstrução mamária como possibilidade terapêutica conduz as mulheres as atividades habituais e proporciona uma melhor aceitação da nova imagem corporal, o que tem uma íntima relação com a elevação do grau de afetividade e da auto-estima. As situações anteriormente descritas me conduziam a refletir sobre a complexidade de ter ou de ter tido uma doença, cujo estigma social gera sentimentos de incerteza quanto ao prognóstico, ao tratamento, a sobrevida e a recidiva. Após a cirurgia emergem conflitos na esfera psicossocial e dificuldades de adaptação à nova situação existencial. Neste sentido, pesquisas que contemplem como temática câncer de mama e implicações para a saúde das mulheres tornam-se relevantes para a compreensão do momento vivido por essas e fornecem estratégias de cuidado mais eficazes às equipes terapêuticas com elas envolvidas.

O cotidiano assistencial ainda se distancia da valorização da escuta da pessoa, considerando seus valores, crenças e anseios. Tal situação parecia-me “impulsionar” para a necessidade de ir além das teorias. Assim, de maneira ainda não consciente, eu era conduzida para o mar de possibilidades de compreensão do ser humano que se encontrava sob o meu cuidar.

Apropriando-me dos conhecimentos fenomenológicos recorro ao pensamento de Heidegger (2006, p.204-205) ao destacar que “compreender é o ser existencial do próprio poder-ser da presença de tal maneira que, em si mesma, esse ser abre e mostra a quantas anda o seu próprio ser. Trata-se de apreender ainda mais precisamente a estrutura desse existencial.”

Para Heidegger (2006, p. 42), “visualizar, compreender, escolher, aceder a são atitudes constitutivas do questionar e, ao mesmo tempo, modos de ser de um determinado ente, daquele ente que nós mesmos os questionam, sempre somos”. *Dasein*, ser-aí, presença, ente envolvente, é o ser humano que somos todos nós. É sobre esse ente em especial, o homem, que Heidegger tece sua analítica existencial em sua obra mais importante, intitulada *Ser e Tempo*, que foi o suporte para a hermenêutica desta pesquisa. No entendimento de Heidegger, ser-lançado é a situação em que o ser humano é e sempre está. O humano é um ser em situação e mundo é uma propriedade a ele essencial.

Este trabalho é um recorte da tese intitulada: *A cotidianidade do ser-mulher- mastectomizada-com-reconstrução-mamária* que teve como objeto de estudo os modos de ser da mulher mastectomizada com reconstrução mamária, objetivando desvelar o sentido que funda o comportamento do ser mulher com reconstrução mamária.

## **1 A Fenomenologia como filosofia e método**

Motivada a buscar o sentido que funda o comportamento do ser-mulher-mastectomizada submetida à reconstrução mamária, vislumbrei como referencial teórico a fenomenologia. Esta abordagem compreensiva permite o desvelar do fenômeno tal como ele se mostra em sua complexidade para quem o experiencia. Os sujeitos do estudo foram mulheres que participam do Grupo de Apoio à Mulher Mastectomizada (GAMMA), situado no Hospital Aristides Maltez situado na cidade de Salvador, instituição filantrópica do estado da Bahia. Impulsionada pela motivação em compreender os modos de ser-mulher- mastectomizada com reconstrução mamária iniciei a ambientação após a aprovação do projeto de tese pela Comissão de Ética e Pesquisa do referido hospital. Assim sendo, foram selecionadas 9 (nove) mulheres que atendiam ao critério de inclusão da pesquisa, ou seja, mulheres mastectomizadas que tinham se submetido à reconstrução mamária há mais de 1 (um) ano. Então, expliquei-lhes, individualmente, o objetivo da pesquisa, questionando sobre a sua possível participação. Para a coleta dos depoimentos, como determinado pela Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 1996) que dispõe sobre ética em pesquisa envolvendo seres humanos, foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e

Esclarecido. Todas as depoentes manifestaram o desejo de que a entrevista, que foi gravada, fosse realizada no GAMMA, ocasião em que solicitei a permissão para realizá-la em uma sala privativa. Solicitei a cada depoente que escolhesse um pseudônimo. Intencionando desvelar o sentido que funda o comportamento do ser-mulher-mastectomizada submetida à reconstrução mamária, a entrevista foi conduzida pelas seguintes questões norteadoras: ***Como tem sido o seu dia-a-dia após a retirada da mama? Como foi para a senhora ter a mama reconstruída? O que veio a ser o seu cotidiano após a reconstrução mamária?***

Após a entrevista, fazia a transcrição de cada depoimento, ficando atenta ao conteúdo da linguagem, tentando mergulhar na dimensão cotidiana de cada ser-mulher. Ao transcrever, fui fiel às expressões por elas utilizadas. Neste sentido, de acordo com Duarte (2005), a linguagem não pode ser entendida apenas como veículo de transmissão de informações, mas como o modo pelo qual se manifesta o próprio existir humano. Ancorado no pensar heideggeriano, o autor afirma que a linguagem não pode ser corretamente compreendida em seu ser por meio de uma análise formal e lógica.

## **1.2 Interpretação Compreensiva**

Na tentativa de desvelar os modos de ser velados nos depoimentos, iniciei a etapa da hermenêutica, que representa o movimento de interpretação compreensiva a partir da compreensão vaga e mediana. Apreendi os aspectos ontológicos, vindo a construir as unidades de significação, norteadas pelos conceitos heideggerianos. Segundo o pensador, ontológico “é aquilo que possibilita as várias maneiras de algo tornar-se manifesto, presente, criado, produzido, atuado, sentido” (HEIDEGGER, 1981, p.10). Nesta etapa da hermenêutica heideggeriana, a interpretação originária é fundada, existencialmente, a partir da compreensão, e como destaca o filósofo (2006, p. 209): “interpretar não é tomar conhecimento do que se compreendeu, mas elaborar as possibilidades projetadas no compreender”. Heidegger assevera que (2006, p.215): “O ‘círculo’ do compreender pertence à estrutura do sentido, cujo fenômeno tem suas raízes na constituição existencial da presença, enquanto um compreender que interpreta [...]”. Toda interpretação funda-se no compreender. A partir da compreensão que tive dos depoimentos busquei, num movimento interpretativo desvelar o sentido que funda o comportamento do ser-mulher-mastectomizada submetida à reconstrução mamária vindo a construir as unidades de significação que trago a seguir:

### **1.2.1 O medo, como possibilidade própria da presença, revelou-se ao ser-mulher submetida à reconstrução mamária, a partir da vivência do câncer e suas consequências.**

A mulher que experiencia o câncer de mama mostra-se com medo de vivenciar um cotidiano permeado por incertezas quanto ao sucesso do tratamento, pela mutilação da mama, a possibilidade de recidiva, bem como a perda da sua autonomia e da sua identidade. A disposição, de acordo com Heidegger, é onticamente designada de humor ou ânimo, dizendo respeito às várias maneiras de uma pessoa sentir-se e relacionar-se. O humor revela “como alguém está e se torna” (HEIDEGGER, 2006, p.193). Na compreensão do filósofo, o medo como modo da disposição pode ser analisado em três perspectivas distintas: do que se tem medo, o ter medo e pelo que se tem medo. O que se tem medo, na compreensão heideggeriana é o temível, algo que possui o caráter de ameaça e põe em risco a existência da presença, bem como o conviver com os outros.

Ao descobrir-se com câncer, surge na concepção heideggeriana a perspectiva do que se tem medo. A mulher vivencia o temível, o amedrontador, como destacado pelo pensador como “[...] sempre um ente que vem ao encontro dentro do mundo e que possui o modo de ser do que está à mão, ou do ser simplesmente dado [...]” (HEIDEGGER, 2006, p. 200).

**Lúcia** expressa a perspectiva do que se teme, destacando situações distintas. Fala sobre a doença, as complicações e a cura:

*Bom, a doença em si foi problema, porque você não sabe o resultado, você pensa que vai ter complicações piores... Não sabe se vai ficar boa [...] **Lúcia***

Neste movimento, o cotidiano da mulher é permeado de sentimentos como o do medo. De acordo com Heidegger (2006, p. 252): “aquilo de que se tem medo é sempre um ente intramundano que, advindo de determinada região, torna-se, de maneira ameaçadora, cada vez mais próximo.”. A experiência do câncer de mama e as suas consequências conduzem as mulheres as diferentes possibilidades presentes no ter medo, como destacado por Heidegger: o pavor, o horror e o terror. O pavor é algo familiar, que subitamente ameaça. É segundo o filósofo a situação de “na verdade ainda não, mas a qualquer momento sim [...]”. (HEIDEGGER, 2006, p. 202). Tal movimento abate o ser-no-mundo da ocupação. **Kika**, em seu depoimento, revela que:

*Olhe, para mim foi o seguinte: quando eu retirei a mama, eu já tinha uma história de câncer de mama na família, entendeu, não é que pra mim eu achei bom, não é nada disso, eu já tinha aquele “quê”. **Kika***

Como relatado acima, o câncer de mama era para ela uma doença previamente conhecida pelo fato de uma pessoa da família já ter experienciado essa situação. No entanto, a presença de

algo tão familiar é destacado como um motivo de pavor para ela e para a família, quando se refere ao enfrentamento da doença. Assim é enfatizado:

*Mas eu já tinha minha mãe que tava com problema, a minha irmã que teve problema, e aí as outras duas irmãs e os irmãos começaram, já sabiam como era a situação, a barra. **Kika***

O terror também surgiu quando da probabilidade de recidiva do câncer de mama. A possibilidade de vir a desenvolver o câncer em outros órgãos é experienciada pela mulher com grande sofrimento, o que, muitas vezes, a conduz ao pensamento de que a sua vida se encontra em suspenso. Tal aspecto está expresso no seguinte depoimento:

*Porque eu fiquei com muito medo, porque foram duas incidências... Em tão pouco tempo... Eu achava que qualquer momento poderia voltar, em qualquer outro órgão, em qualquer lugar... Então eu ficava uma coisa assim de louco...eu fiquei muito ruim mesmo. **Sofia***

Quando essa ameaça possui o caráter de algo não familiar, o medo torna-se horror. O horror foi desvelado como possibilidade própria da presença, manifestado pelo longo e agressivo tratamento a que foi submetida, conduzindo-a a um cotidiano desconhecido, como relatado no seguinte depoimento:

*O tratamento todo, desde o início para mim foi muito traumatizante, uma coisa que a gente nunca espera que seja com a gente. Entrei em depressão, fui até o fundo do poço [...] E quando eu tava fazendo o tratamento, eu não tinha conhecimento, eu tinha pavor de olhar, não podia ver na televisão, em alguma revista, alguma coisa falando sobre o câncer, eu ficava apavorada, eu não queria saber [...] **Sofia***

O medo está presente nas mulheres com câncer de mama. No pensar heideggeriano, o que se teme possui o caráter de ameaça e: “[...] apenas o ente em que, sendo, está em jogo seu próprio ser, pode ter medo”. (HEIDEGGER, 2006, p.201). No entanto, esse medo pode conduzi-las a abertura e a possibilidade de um fortalecimento para o seguimento dos tratamentos. As mulheres, como projetos, vislumbram a cura. Isso pode ser percebido na fala de **Lúcia**:

*Sim, que eu me joguei na vida. Eu falei: “já que eu tou com esse problema, vou me cuidar”, seja o que Deus quiser, né? Eu coloquei isso na minha cabeça, eu vou me cuidar. Acredito nos médicos, acredito na possibilidade de uma cura, de isso não vai me matar. **Lúcia***

Vivenciar uma doença como o câncer, conviver com a possibilidade de recidiva da doença, superar as limitações físicas e psicossociais são aspectos identificados nas mulheres que experienciam o cotidiano do câncer de mama. Tais aspectos, devem ser compreendidos na

prática assistencial, no intuito de possibilitar a implementação de estratégias que contribuam para a adaptação da mulher a sua nova condição existencial.

### **1.2.2 O ser-mulher-mastectomizada submetida à reconstrução mamária experiência a autenticidade da presença no ser-com-o-outro nos grupos de apoio.**

Após receber o diagnóstico de uma doença marcante e complexa, bem como vivenciar um longo tratamento, o ser-mulher busca, nos grupos de apoio, soluções para os problemas enfrentados no seu cotidiano. O grupo de apoio terapêutico representou para as mulheres do estudo, um espaço no qual poderiam partilhar com-o-outro as experiências advindas com a situação do câncer de mama. Assim, compreendi no depoimento de **Kika** quando fez referência ao seu cotidiano:

*Tentei levar a minha vida, vim para o grupo e foi muito bom porque, em termos de fortalecimento, quando a gente se junta com mais pessoas com o mesmo problema, isso ameniza um pouco a situação [...] E depois ver que não era só eu que tinha esse problema, né? **Kika***

Na perspectiva heideggeriana, uma das estruturas fundamentais da presença constitui-se no ser-com. Essa possibilidade da presença revela-a como um ser de relação. Heidegger, também, afirma que é através da presença que se caracteriza o encontro com os outros. E quando se fala dos “outros” o filósofo salienta que:

*Os “outros” não significam todo o resto dos demais além de mim, do qual o eu se isolaria. Os outros, ao contrário, são aqueles dos quais, na maior parte das vezes, não se consegue propriamente diferenciar, são aqueles entre os quais também se está. (HEIDEGGER, 2006, p. 174).*

Ancorada no pensamento heideggeriano, compreendi que, para **Kika** a experiência de estar-com-o-outro no GAMMA possibilitou-a enfrentar a doença com mais fortalecimento, levando-a a não perceber-se sozinha na situação de estar-lançada no mundo com o câncer. A partir da percepção que a depoente teve do experienciar do outro, compreendo que o mundo é sempre compartilhado com os outros. Heidegger afirma que: “À base desse ser-no-mundo *determinado pelo com*, o mundo é sempre o mundo compartilhado com os outros. O mundo da presença é *mundo compartilhado*. O ser-em é *ser-com* os outros”. (HEIDEGGER, 2006, p. 175). O mundo compartilhado no grupo de apoio não representa somente um espaço onde há a identificação com o outro. Além dessa partilha de experiências, o grupo favorece o ser-com-o-outro quando possibilita a algumas integrantes a participarem do trabalho voluntário. Através desse trabalho, o ser-mulher como presença é ser-com-o outro e expressa-se o cuidado. **Jade** compreende que:

*Eu gosto de me doar eu com esse trabalho que eu faço aqui. Esse meu é que é uma bênção de Deus, cada vez que eu saio daqui eu saio com mais energia, renovada. Jade*

Nesse sentido, o ser-mulher inserida nos grupos de apoio, remete a compreensão heideggeriana, em que a presença é um ser-com, não sendo possível separar o ser daquele com os quais mantém suas relações no mundo, “Ser-no-mundo” é as múltiplas maneiras que o homem vive e pode viver, os vários modos como ele se relaciona e atua com entes que encontra e a ele se apresentam”. (HEIDEGGER, 1981, p.16). As mulheres também referenciam o grupo de apoio como um ambiente em que a preocupação com as pessoas é presente na convivência cotidiana. No entanto, tal preocupação, às vezes, não é partilhada com a mesma intensidade pelas pessoas da família.

Isto é destacado por **Vitória**:

*Aqui, se você fica uma semana sem vir, eles ligam pra mim: “por que não veio?”, e em casa não acontece isso, “tá acontecendo alguma coisa com você?” Então, é uma preocupação que o povo tem com a gente [...] Vitória*

**Vitória** também evidencia a importância da convivência autêntica, quando destaca que para ela o grupo representa mais do que um convívio social, possibilita a criação de vínculos afetivos entre os integrantes e as voluntárias. Neste, Heidegger (2006) comenta que:

*Essa preocupação que, em sua essência, diz respeito à cura propriamente dita, ou seja, à existência do outro e não a uma coisa de que se ocupa, ajuda o outro a tornar-se, em sua cura, transparente a si mesmo e livre para ela. (HEIDEGGER, 2006, p.179).*

O estar-com-o-grupo, além de todo acolhimento recebido na convivência cotidiana, oportuniza-lhes, também, a participação de atividades culturais, favorecendo o convívio social tão fundamental àquela que vivenciou o câncer de mama. O convívio grupal é descrito com grande satisfação por **Jade**:

*Então, eu acho o grupo GAMMA assim uma coisa maravilhosa, um trabalho voluntário muito bom. Porque é só para levantar a autoestima delas toda, é um trabalho social para elas, elas se conhecem, participam de festa, de jantar, de tudo, né? Jade*

Com as atividades partilhadas no convívio grupal, a presença mantém-se no extremo da preocupação positiva, guiada pela consideração e tolerância, e para o pensador, o ser com os outros pertence ao ser da presença. Afirma:

*Enquanto ser-com, a presença “é”, essencialmente, em virtude dos outros. Isso deve ser entendido em sua essência, como um enunciado existencial. Mesmo quando cada presença fática não se volta para os outros, quando acredita não precisar deles ou quando os dispensa, ela ainda é no modo de ser-com. (HEIDEGGER, 2006, p.180).*

Compreendi que estar lançado no mundo conduz as mulheres ao encontro de entidades como o câncer de mama, a mastectomia e a reconstrução mamária, mas, sobretudo, lança-as ao encontro de outros em sua co-presença.

### **1.2.3 O ser-mulher e o cotidiano frente a mastectomia e a reconstrução mamária: possibilidade e de-cisão**

A mastectomia, como uma das principais terapêuticas para o câncer de mama, é vivenciada pela mulher como uma experiência dolorosa e complexa que, no cotidiano, dificulta a convivência consigo mesma e com os outros. Sensações de deficiência e de estranheza com o próprio corpo compõem o relato das depoentes, afetando-lhes a existência a partir da mastectomia. Vitória destaca na sua fala:

*Depois da retirada da mama, foi ruim, né, porque ficou... ficou assim aquele negócio estranho, aquela coisa diferente assim me sentindo mal, não me sentindo inválida, mas me sentindo assim mutilada, uma coisa ruim que aconteceu na vida da gente, aí fica aquilo ruim. Vitória*

Sendo subitamente lançadas numa situação que lhes causa estranheza e que é carregada de muito sofrimento, compreendem-se a si mesmas a partir da existência e do que lhes veio ao encontro. Heidegger (2006, p.48) destaca que “[...] a presença se compreende em seu ser, isto é em sendo”. **Linda** relata que conviver com a ausência da mama, além de alterar negativamente a percepção do corpo, também influencia a maneira de conviver-com-o-outro.

*Porque quando a gente tira, fica numa debilidade, a gente fica assim com receio que a outra pessoa veja, até o nosso esposo mesmo a gente não tem aquela liberdade, mesmo que ele aceite tudo, a gente fica com aquele receio de mostrar, né? Aí a gente dorme de soutien, eu mesmo dormia de soutien e fica assim com aquela restrição, sempre assim com aquela restrição de camisola toda fechada. Linda*

O ser-mulher sem a mama conduziu-as a uma condição de estar-só, o que, na compreensão heideggeriana, é entendido como um modo deficiente de ser-com. Nesse modo de ser, a presença teve a sua sexualidade afetada pela ausência da mama. Heidegger assevera que:

O ser-com determina existencialmente a presença, mesmo quando um outro não é, de fato, dado ou percebido. Mesmo o estar-só da presença é ser-com no mundo. Somente *num* ser-com e *para* um ser-com é que o outro pode *faltar*. (HEIDEGGER, 2006, p. 177).

A mulher lançada na situação de mastectomizada é conduzida à facticidade. De acordo com o pensar heideggeriano, a facticidade constitui-se no modo de ser da presença lançada no mundo, sem conhecimento prévio e pessoal a uma situação. O *Dasein* é, pois, um ser-em

situação. E esse pensador (2006, p. 100; 106): “O ser-em é, pois, a expressão formal e existencial do ser da presença que possui a constituição essencial de ser-no-mundo. [...] “ser-no-mundo é uma constituição fundamental da presença em que ela se move não apenas em geral, mas, sobretudo, no modo da cotidianidade”. Sendo-no-mundo sem a mama, **Sofia** relatou que, além de não se sentir confortável com a prótese externa, o olhar do outro sobre o vazio deixado pela ausência do seio era algo que lhe incomodava. O ser-mulher-mastectomizada vê afetada a convivência com as demais presenças, como o trazido a seguir:

*Como acontecia muito mesmo eu perceber assim as vista das pessoas direto no lugar que estava vazio, ou então, às vezes, eu usava a prótese às vezes subia, às vezes a pessoa olhava assim, eu percebia o olhar da pessoa, quando eu ia ver a prótese tava fora do lugar. **Sofia***

Embora a prótese mamária externa possa amenizar a ausência da mama, não poderá ser incorporada como uma parte natural do corpo da mulher. Em decorrência dessa situação, a mulher afasta-se dos outros na convivência cotidiana, não se apresenta em um modo de estar-com-o-outro, assim Heidegger (2006, p.181) assevera que:

Porque, porém, numa primeira aproximação e na maior parte das vezes, a preocupação se mantém nos modos deficientes ou ao menos indiferentes - na indiferença do passar ao largo um do outro - é que o conhecer-se mais imediato e essencial necessita de aprender a conhecer-se. E mesmo quando o conhecer-se se vê perdido nos modos da retração, escondendo-se e equivocando-se, a convivência necessita de caminhos específicos para se aproximar do outro ou para “procurá-lo”.

O cotidiano com a reconstrução mamária foi relatado pelas depoentes como possibilidade de retomar a vida após o câncer de mama, bem como melhora da auto-estima ao possibilitar o desenvolvimento das tarefas que foram interrompidas com a mastectomia:

*[...] faço minhas coisas normais, cuido de um cachorrinho que eu tenho, faço comida, tomo meu banho, depois almoço e venho pra aqui. Depois saio, se tiver que sair do cinema alguma coisa, namorado, uma vida normal, normalíssima. **Lúcia***

Ao decidir pela reconstrução mamária, a mulher buscou um poder-ser próprio da presença, testemunhado por ela mesma em sua possibilidade existencial. Para Heidegger (2006, p. 345), “o si-mesmo da presença foi formalmente determinado como um *modo de existir* e não como algo simplesmente dado”. Compreendo que esse modo de existir, na condição de mastectomizada, conduziu a mulher de maneira própria a escolher pela reconstrução mamária. Compreendi através dos depoimentos que as mulheres, após a reconstrução mamária, foram conduzidas a uma nova situação existencial, pois verbalizaram de maneira positiva a autoestima, a coragem, a liberdade, o prazer ao exibirem o corpo novamente. Acima de tudo,

se redescobriram como seres de possibilidades, lançadas em um mundo numa experiência complexa de existir-com-câncer-de-mama.

## 2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No intuito de desvelar o sentido que funda o comportamento do ser-mulher-mastectomizada submetida a reconstrução mamária, a fenomenologia foi utilizada como abordagem metodológica. A aderência do objeto ao método permitiu-me compreender o ser humano na sua experiência vivida, compartilhando de seus sentimentos, emoções e atitudes. Para adentrar o mundo vivido do ser-mulher-mastectomizada submetida a reconstrução mamária, encontrei na abordagem heideggeriana expressa em *Ser e Tempo* um alicerce para tal compreensão, pois, nesta obra, Martin Heidegger busca compreender ontologicamente o ser humano.

O preocupar-se pela presença com os outros, foi por mim compreendida no momento do cuidado, em especial, o estar-com-o-outro na situação de existir com câncer de mama. Destaco essa possibilidade da presença no momento de assistir o outro, sujeito do nosso cuidado, que, nas práticas de saúde atuais, vem sendo fragmentado em decorrência do modelo biomédico, que desconsidera os aspectos subjetivos do adoecer humano. Nessa convivência inautêntica, de deficiência e indiferença, as (os) profissionais de saúde ocupam-se do outro.

Em outro movimento, o ser-mulher-mastectomizada-com-reconstrução mamária como presença experiencia uma forma de solicitude, guiada pela consideração e tolerância, ao partilhar sua experiência com os outros no grupo de apoio terapêutico. Nesse espaço, as mulheres partilham experiências comuns e percebem que não são seres únicos a vivenciarem o câncer de mama. Sendo-com-os-outros, buscam alternativas para o enfrentamento da doença com maior fortalecimento. O grupo também se constitui em espaço de convivência que possibilita, no mundo humano, o ser-com-o-outro através do trabalho voluntário. Interpreto essa relação de ser-com-o-outro no grupo de apoio como uma solicitude autêntica, e destaco o pensamento do filósofo quando afirma que (HEIDEGGER, 1981, p. 44): “o cuidar solícito é compreendido ao nível daquilo que estamos cuidando-com, e juntamente com a nossa compreensão dele. Assim, o outro é, de imediato desvelado na solicitude cuidadosa”.

Com a reconstrução mamária, foi restabelecido o convívio, antes negado pelas preocupações relacionadas ao próprio corpo. Tais preocupações conduziram-nas a um estar-só, alterando a convivência com o outro, o que refletiu negativamente nas suas relações afetivas. Do verbo reconstruir (HOUAISS; VILLAR, 2008, p. 637) significando “tornar a construir; restaurar; formar novamente; devolver formato anterior a”, pude compreender que, para as mulheres

estudadas, a reconstrução mamária não representou somente o desejo de ter esteticamente uma nova mama, significou um acontecimento que, a partir da vivência do câncer, possibilitou-lhes a construção de um novo sentido de existência.

O ser-mulher mastectomizada com reconstrução mamária, a despeito dos enfrentamentos situados no passado, como possibilidade pura, vislumbra no presente um novo sentido de existência. Nesse movimento, situações alocadas no passado são modificadas e revestidas de um significado outro, determinado pelo que ocorre agora e pelo que ocorrerá amanhã. É a atualidade que determina a presença, a compreensão do seu vigor de ter sido e do seu porvir. Nesse movimento existencial, o comportamento do ser-mulher-mastectomizada-com-reconstrução mamária foi desvelado através de atitudes que transformaram, de maneira positiva, o seu cotidiano.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Rosana Freitas. *A percepção do corpo pela mulher mastectomizada em uso de prótese após reconstrução mamária*. 2004. 108f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.
- AZEVEDO, R.F.; LOPES, R.L.M. Concepção de corpo em Merleau-Ponty e mulheres mastectomizadas. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 63, n.6, p 1067-70, nov./dez. 2010.
- BRASIL, Conselho Nacional de Saúde. Resolução 196, de 10 de outubro de 1996. *Diretrizes e normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos*. Disponível em <http://www.conselho.saude.gov.br>. Acesso em 04 de mar. de 2009.
- DUARTE, André. Heidegger e a linguagem: do acolhimento do ser ao acolhimento do outro. *Natureza Humana*, v.7, n.1, p. 129-158, jan/jun. 2005.
- GIL, Begona Oiz. Reconstrucción mamaria y beneficio psicológico. *Anales del Sistema Sanitário de Navarra*, v.28, n.2, p. 19-26, maio/ago. 2005.
- HEIDEGGER, Martin. *Todos nós, ninguém: um enfoque fenomenológico do social*. 6ª ed. São Paulo: Moraes, 1981. 72p.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. 16ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2006. 598p.
- HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Sales. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. 917p.